

Leonardo Domingos Carvalho

Os 15 minutos e o Ensaio sobre o fogo

*(Emanuela dança com todo o seu corpo suavemente.
Vem acompanhada de uma corda no pescoço.
Uma musica quase inaudível roda durante toda a cena.)*

_De repente vi um jato cortar as poucas nuvens que restavam no céu azulado, se da minha janela dava pra ver isso, com certeza da dos outros também. Uma pena que Emanuela não viu isso. Quando só se via um risco cortar o céu, tudo ficou quieto, era como se todos estivessem olhando, como se todos do condomínio, claro. Mesmo que não aparentassem, mas que estivessem ali, mesmo estando ali. Os 15 minutos se passaram, o risco que apenas se dissolvia no céu, ficava cada vez mais ralo, porém não perdia a vida nem nada, estava apenas indo embora.

*(Quase não se ouvia a própria respiração, escutava ruídos de maquinas bem de longe, alguns passos no corredor. Nada alem da luz e o cheiro abafado de crisântemos.
Tons de caramelo luzem bem claros. Um dia morno quieto e claro.
Emanuela sentada no sofá, fazia tricô com linhas azuis)*

EMANUELA _Como foi de trabalho?!

ROBERTO _Bem, deveria estar em repouso.

EMANUELA _O médico já disse que eu poderia voltar ao trabalho.

ROBERTO _Tente não fazer muito esforço.
(Roberto senta em sua poltrona, tira os calçados, fica só de meias, pega um jornal e coloca frente à face, cobrindo-a.)

EMANUELA _Enquanto trabalhava pensei na possibilidade de contar a sobre minha gravidez, não iria querer um filho meu, sei que não. Então hoje acordei cedo, fiz seu café, que provavelmente não tomaria e apenas ficaria trancado em sua sala, cuidando de seu trabalho novo. Mas agora já estou certa de que não te contaria. Estou certa de que seria inútil. Parece até uma piada, difícil de acreditar. Vai fazer dois meses já. Não sei o nome. Não consigo pensar em um nome. Não consigo pensar em nada.

EMANUELA _Um emprego.
(Roberto para de ler e da atenção a sua mulher.)

ROBERTO _Do que você ta falando?

EMANUELA _Conseguí um emprego.

ROBERTO _Já falamos sobre isso.

Roberto volta a ler o jornal.

EMANUELA _Eu não aguento mais, eu preciso sair um pouco. Estou definhando nessa casa!

ROBERTO _É tudo pra você! Como pode não ver isso? Porque você acha que trabalho tanto? Se eu não te conhecesse diria que é ingratidão.

EMANUELA _Sabe o que sou? Um copo d'água no seu criado mudo.

ROBERTO _Hoje estava planejando nossa ida à praia. *Pausa.* Trabalho todos os dias. E todas as economias não serão o suficiente pro desejado.

EMANUELA _Um gato, um cachorro, um animal de estimação.

ROBERTO _Quando me casei com você queria um filho. Eu queria um filho. Mas até hoje estamos tentando não é amor?

EMANUELA _Sou um brinquedo. Pronto achei a palavra certa. Um brinquedo, um brinquedo perdido, prestes a ser encontrado por outra criança.

ROBERTO _Quer saber sobre o meu dia de trabalho?

EMANUELA _Pronto, acho que agora você me perdeu.

ROBERTO _Quer saber o quanto vendi hoje?

EMANUELA _Hoje eu olhei nossa foto, olhei a foto de meus pais. Eu sinto muita falta deles, eu sinto muito a sua falta. *Pausa.* Me perdi, me perdi de mim, me perdi de você.

ROBERTO _Hoje chegando ao trabalho fiquei pensando em você.

EMANUELA _Hoje quando saiu do trabalho fiquei pensando em você.

ROBERTO _Sempre quando chego ao trabalho olho sua foto na minha mesa, fico te admirando sem perceber. Fico te olhando.

EMANUELA _Quando você estava indo. Depois que eu abri a porta. Depois que nos despedimos. Quando você estava indo ao trabalho, bem depois que nos despedimos. Vi você de costas, eu esperei que você fosse olhar para trás, nem que seja um instante. *Pausa.* Depois de tudo, me senti tão sozinha, tão incompleta. *Pausa e Silêncio.* Roberto, eu te amo! Fica comigo só quinze minutos! Pelo amor de Deus Roberto!

ROBERTO _Eu sei que isso tudo, não é o suficiente. Nada disso resolve não é mesmo?

EMANUELA _Roberto, eu tenho que ir embora, eu me perdi dentro de mim mesma. Não da mais.

ROBERTO _Eu não sei como te explicar o que eu to sentindo.

EMANUELA _ A cada música, passo, a cada gota. Cada momento é um turbilhão de pensamentos, não dá para organizar tudo isso. Não sei como posso arrancar isso da minha cabeça. A cada instante é uma coisa diferente. Lembra da vez que fomos à praia, a tarde estava maravilhosa, você deitou no meu colo, olhou para cima e disse que os momentos poderiam ser eternos, bastasse querer. Então, creio que eternizei muita coisa em pouco em tão pouco tempo. Querido... Que tal irmos à praia no verão seguinte? Sentaríamos na areia, comeríamos algo, e veríamos o sol se por. Mas não adianta. As frases ditas, tudo... Já viraram palavras cruzadas de jornal.

ROBERTO _Foi lindo não? Deitei no seu colo e disse que os momentos poderiam ser eternos, Bastasse desejar. *Pausa*. Eu eternizei aquele momento.

EMANUELA _Lembra de como foi?

ROBERTO _Você saiu do quarto com aquela cara de sono, cabelo solto, olhar sereno. Você não imagina o quanto estava linda.

EMANUELA _Disse que me amava. *Pausa e Silêncio*. Eu preciso que me ame.

ROBERTO _Te beijei e nada mais parecia importar.

EMANUELA _Me beijou e nada mais parecia importar.

SENHORA _Peço desculpas ao incomodá-los tão tarde assim, só vim pegar as flores. *Pausa. Respiração*. Eu gostaria de olhar para o retrato dele e acreditar que ele ainda me traria alguma rosa, como no nosso aniversário de casamento, ou mesmo no café da manhã. Eu gostaria que em todo esse tempo ele ao menos me olhasse. Eu só queria que ele notasse minha presença, só isso. Apesar de que. *Pausa e Silêncio*. Se gostou das flores, pode ficar. Pode ficar. De primeira sei que não havia sido um incômodo trazer esse tipo de flores, são as únicas que gosto. Em meio a esse tanto de gente, ninguém costuma gostar dessas aí, mas eu gosto.

DOROTÉIA _Você nunca foi de tantas palavras, na verdade parece que suas palavras não surgiam era comigo. Desde o primeiro momento que nos

vimos deixou dinheiro, claro, me deixou algo a mais. Deixou-me marcas, e um presente, claro, um presente. Um retrato. Anos se passaram desde que você sumiu, por todo esse tempo tentei te ligar, poucas palavras, mas nunca nos encontramos. Na verdade parecia que todo aquele ritual, toda aquela cerimônia para que nos mantivéssemos juntos foi em vão. Você sumiu e eu fiquei com aquela cara de nada. Aquela cara de que sempre desprezava esse tipo de ritual. Criei Vanessa sozinha, e aos sete anos de idade tive que a deixar com minha irmã. A situação apertou e tive que arrumar outro bar para trabalhar. Voltei para Vanessa depois de sete anos e junto a isso você voltou. Mas voltou para pegar o único vestígio seu que restava em mim, voltou... Voltou para levar minha filha e seu maldito retrato. E de repente me senti incompleta dentre outras inúmeras vezes.

ELE _Dentre as inúmeras vezes que procurei você também faltava uma parte de mim. Bem... Isso não vem ao caso. Mas a vida foi injusta. *Silêncio.* Foi injusta com você, injusta com Vanessa, injusta comigo.

ELA _Engraçado, ele saía sempre às duas horas da tarde e voltava do trabalho a meia noite, isso porque o trabalho acabava dez da noite. Quando descobri, já era tarde. O desgraçado já tinha uma filha pra cuidar.

DOROTÉIA _Você fala da vida como uma injustiça. Como pode saber de justiça? Você me abandonou! Abandonou sua filha! Mais que droga! Eu não preciso mais de você! Você não me entende? Você nunca entende? Você nunca me entendeu! Eu precisava mesmo era me fingir de morta. Quem sabe assim você me enxergaria. Eu precisava mesmo era fugir. Fugir de mim mesma! Fugir de você!

(Dorotéia fala baixo quase que pra si mesma, enquanto “ela” fala o que tem para falar.) Eu precisava mesmo era fugir. Fugir de mim mesma. Fugir de mim mesma. Fugir de mim mesma. Fugir de mim mesma. Fugir de mim mesma.

ELA _Eu precisava sentir o cheiro daquele monstro em cima de mim. Eu realmente preciso sentir o cheiro daquele monstro em cima de mim.

ELE _Você pensa que eu não me importo! Mas eu me importo sim! Eu me importo desde a primeira vez que a vi! Mesmo que fui de baixo o suficiente. Eu sei. Mesmo que fui um desgraçado. *Pausa e Silêncio.* Eu acho que to te amando.

ELA _Lembro de uma vez que ele chegava do serviço. Eu realmente não estava com a mínima vontade de vê-lo. Mas eu sentia pena, não sei por que, sentia pena. Ele me olhava com aquela cara amável dele, eu me derretia. Mas tinha muita coisa diferente nisso. Eu via nos olhos dele, parece que era tudo um teste pra saber se realmente o amava.

ELE _Eu sentia. Sinto. Eu sinto muito a sua falta.

ELA _Isso não muda nada. Você não enxerga, mas eu preciso de você!

DOROTÉIA _Você me traiu cruelmente! Disse que me amava! Disse que precisava de mim. Como posso confiar em você novamente? Me diz isso droga! Como eu explico isso a Vanessa?! Não preciso mais de você! Já disse!

ELA _Eu não percebia o sentido disso tudo. Depois que ele foi embora, eu comecei a sentir esse peso que ele sentia.

DOROTÉIA _Engraçado. Eu me lembrava direitinho de como cortava o cabelo. De como eu fazia sua barba. Seu cheiro. De quando me trazia flores e sussurrava dizendo que me amava. Dizia que me amava.

ELA _O que é o amor pra mim? Ele sempre me perguntava, não tinha o menor sentido essas perguntas fora de mão. Mas o amor pra mim era doce, era o que eu sentia por ele sem perceber, era doce, me feria como aço em brasa. Eu não sabia contornar essa situação. Eu estava realmente muito decepcionada com ele, quando ele me beijava nada importava mais. O amor? A sim! Então... Aço em brasa! Que queima docemente.

DOROTÉIA _Sabe. O amor era quando você me trazia flores. Beijava meu pescoço. Era quando sentava ao meu lado no cinema, e me sussurrava bobagens no ouvido. Era quando o jantar terminava em banho quente. Era quando dizia que me amava como nunca. *Silêncio*. Era quando nada importava mais.

ELE _Era quando nada mais fazia sentido. Era quando eu não conseguia trabalhar porque ficava pensando em você, no jeito que arrumava o cabelo, no jeito que falava meu nome, no jeito que fazia minha barba, no jeito que me olhava, eu sabia que te amava, era quando nada importava mais que isso. *Pausa e Silêncio*. Eu acho que to te amando.

DOROTÉIA _Eu sinto tanta a sua falta. Por que voltou? Isso me machuca demais. Porque faz isso comigo? Eu realmente estava bem! Com Vanessa, tudo ótimo, nem que seja por ela, mas pelo menos por mim! Isso me machuca tanto. *Pausa e Silêncio*. Eu acho que to te amando.

ELA _Quando você foi. O amor que eu sentia por você me destruí. Isso doía como fogo. Já reparou que o amor foi minha autodestruição? Já reparou? *Pausa e Silêncio*. Eu acho que to te amando.

DOROTÉIA _E agora? O que agente faz?

ELA _E agora? O que eu faço?

EMANUELA _Claro que seria importante se fizesse as compras comigo. Esta bem, sei que faz, nada me faz falta, nada me faz falta, nada. Eu queria

muito ir ao cinema com você, quero, posso? Podemos? Você queria ter filhos? Uma pergunta fora de mão de novo. Vi a filha de Dorotéia, sim a mulher do 17. Sei que não são lá bons vizinhos, mas tudo bem, esta tudo ótimo. Vi a filha dela no pátio hoje, me senti estranha, como se faltasse algo. Você não entende! Porque não me dá mais flores?! Mais me controlo, me ajudo.

_A dor me consumia. A dor me consumia. Não, não bastava. Da minha janela ouvia gritos, batida forte de latas. O sangue entrava pela minha janela e a dor me consumia. Eu não tinha como levantar do sofá. Somente ouvia gritos e choro que vinham da rua. Eu continuo no sofá a sua espera. Sim, eu continuo a esperar. Faltam cinco minutos para você chegar. Depois de um breve tempo, digo um breve intervalo os gritos se acalmam. Ouço agora só curtas frases. Passos. Breves passos. A sala com a luz amarelada de fim de tarde volta a me visitar. O desespero volta a me visitar. Não levanto do sofá. Continuo lá. Continuo lá. Você não vem. Você não aparece. Continuo lá. Sentada. Continuo a te esperar. O desespero some. Tomada pelo impulso e o vazio, me levanto, ando com breves passos em direção a porta. Era como um pesadelo. Não pude acreditar. Estava você lá, no chão, sangue em volta. Estava cerca de três metros da minha porta.

_ Sem ter algum gênero de sonho, não ao menos que se lembre, preparou-se para mais um dia de trabalho, que seja. Tomou seu café, como todos os dias, escovou os dentes, e não se lembrando dos afazeres mudou seu rumo. Saindo do apartamento a neblina ainda planava sob o pátio. Subindo as escadas do prédio parecia que não existia neblina alguma. Apenas subiu. Deparou-se com vizinhos a caminho de seus respectivos destinos, mesmo assim nada lhe permitia o mesmo valor. Já ofegante pela subida enfim chegara ao seu destino que foi traçado noite anterior ou talvez na mesma manhã nos quinze minutos de intervalo enquanto escovava os dentes. Sua última lembrança era o acinzentado do concreto no pátio que lhe permitia vista do alto e as janelas desgastadas e azuis. *Pausa e Silêncio*. Pois Emanuela já se encontrava estava no décimo andar.

Leonardo Domingos Carvalho
Rua Felipe de Oliveira Bonfim, 1781, Jardim Luiza 1
Franca SP. CEP: 14407-597

Telefones
(016) 8814-8332
(016) 3704-8908